



CERIMÔNIA DE OUTORGA DO
TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA

Marília Pontes Esposito

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Cerimônia de outorga do título de Professora Emérita à Professora Doutora Marília Pontes Esposito

Homenagem da Direção

Professor Doutor Marcos Garcia Neira

Saudação pelo Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação, EDF

Professora Doutora Carlota Josefina Malta dos Reis Boto

Pronunciamento da Homenageada

Professora Doutora Marilia Pontes Esposito

Auditório da FEUSP
30 de agosto de 2019

Homenagem da Direção da FEUSP na cerimônia de outorga do título de Professora Emérita à Professora Doutora Marília Pontes Esposito

Boa tarde a todas as pessoas presentes. É com muita alegria que damos boas-vindas e presidimos esta solenidade que, acreditamos, permanecerá por muito tempo na lembrança de todos e todas que admiram a professora Marília Pontes Espósito.

A sociedade brasileira atravessa um período crítico, de incertezas e já acumula considerável perda do pouco que foi obtido com o sacrifício e a luta de muitas gerações. A democracia, o livre pensar e a pesquisa estão em risco. As universidades e a ciência tornaram-se alvo de ataques com o objetivo de gerar desconfiança e descrédito acerca da sua função social e da importância que representam na construção de um futuro melhor. As dificuldades enfrentadas vão desde a diminuição de recursos humanos e financeiros até a divulgação proposital de discursos pejorativos acerca do que fazem e pensam professores, estudantes e funcionários.

Em tempos de crise, cabe àqueles que puderam usufruir de condições favoráveis de estudo e trabalho dar o exemplo e sair em defesa dos valores republicanos. É nossa responsabilidade garantir as condições para que homens e mulheres, independentemente da classe, gênero, raça, religião, geração ou orientação sexual, possam realizar seus sonhos, frequentar a Educação Básica e o Ensino Superior, e acessar e desfrutar do patrimônio cultural criado pela humanidade ao longo da história.

Outorgar à professora Marília Esposito o título de Professora Emérita, mais que premiar uma carreira brilhante, simboliza a valorização da trajetória genuína, exemplar e meritória de uma docente pelos seus colegas de Departamento e pela Congregação da FEUSP. Simboliza, portanto, na pessoa da professora Marília, o reconhecimento do que sabemos ser, daquilo que professamos como instituição: formar professores e formadores de professores, fazer educação e pesquisa em benefício da sociedade.

Por meio dessa honraria, a Faculdade de Educação reconhece na sua mais nova Professora Emérita as melhores qualidades de uma educadora. As aulas que ministra, o seu trabalho como orientadora e pesquisadora, seu esforço para dar publicidade aos resultados das investigações que coordena, as atividades de gestão e, principalmente, a forma respeitosa, acolhedora e carinhosa para com os membros desta comunidade.

É em nome de todos os seus membros que a Direção da FEUSP expressa sua gratidão e tem muito orgulho de afirmar que a professora Marília Pontes Esposito “nos representa”.

Muito obrigado.
Marcos Garcia Neira

Saudação pelo Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação, EDF

Professora Doutora Carlota Josefina Malta dos Reis Boto

Quando eu recebi a honra de ser designada pelo Professor Bruno Bontempi Jr. para representar o Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação nessa homenagem que confere à Professora Marilia Pontes Sposito o título de Professora Emérita desta casa, eu me senti profundamente desafiada. Em primeiro lugar, porque é difícil, em poucas palavras, fazer jus ao legado que Marilia deixa em nossa Faculdade. Por outro lado, eu fiquei pensando como justificar aquilo que, por óbvio, não precisa de justificação. Marilia merece esse título de Professora Emérita e todos aqui presentes já sabemos disso. Mesmo assim, para dizer alguma coisa, eu optei por vistoriar um pouco a trajetória da professora e pesquisadora Marilia.

Marilia Pontes Esposito, professora de Sociologia da Educação da Faculdade de Educação da USP desde 1981, iniciou muito cedo suas atividades como professora universitária, quando, em 1977, abraçava a docência no Departamento de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira. Marilia atuou também de maneira extremamente significativa na Ação Educativa, entre 1994 e 2007, bem como na FAPESP entre 2006 e 2012, quando coordenou a área de Educação daquela instituição. Marilia foi também uma presença importante na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), onde chegou a ocupar o posto de vice-presidente entre 1989 e 1993. Mas foi na Faculdade de Educação da USP que a atuação de Marilia mais se destacou. Toda a sua produção intelectual foi desenvolvida no período em que aqui esteve, nesta Faculdade que acompanhou toda a sua história e na qual, tendo chegado à vice-direção, ela deixou seus rastros e seus rumos. Nesta casa, Marilia cursou Pedagogia, formou-se como intelectual e realizou seu mestrado e seu doutorado, sob a orientação do professor Celso de Rui Beisiegel. Sua dissertação de mestrado, defendida em 1982, e que foi publicada com o título *O povo vai à escola: a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo*, discorre sobre o crescimento da rede de ensino público secundário na cidade de São Paulo. Como diz sobre o tema, seu orientador Celso Beisiegel, o livro em que se transformou a tese de mestrado de Marilia “reconstitui, passo a passo, o processo de criação de novos ginásios públicos, desde 1940, quando eram apenas 3, até por volta de 1970, quando já se aproximavam de quatro centenas. Examina em profundidade os mecanismos de decisão que prevaleceram na expansão da rede de escolas; situa, em seu devido lugar, a importância da criação do ensino secundário noturno; explicita as condições de conjuntura que determinaram a multiplicação das denominadas ‘extensões’ das escolas secundárias já existentes nos meados da década de 50. No âmbito da análise então desenvolvida vão surgindo, cada um no seu lugar próprio e também na trama de relações que mantêm uns com os outros e com a situação de conjunto, os diversos agentes envolvidos na transformação do sistema de ensino: intelectuais, administradores, educadores, políticos, partidos, a grande imprensa, a política populista, as organizações populares, as sociedades de

amigos de bairros, os movimentos sociais. [Ainda nas palavras de Celso Beisiegel] o livro expõe fielmente o resultado de uma trabalhosa e complexa investigação, sempre conduzida com acuidade e competência intelectual. Como profetizou o orientador daquele trabalho, a publicação foi “acolhida como relevante contribuição para o conhecimento da história social da educação brasileira”.

Sua tese de doutorado – publicada sob o título *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares* – ganhou uma nova edição em 2010, o que comprova que se havia tornado uma indelével referência no campo de conhecimento sobre o qual Marília se dedicou. No prefácio dessa nova edição, José de Souza Martins caracteriza com fidelidade o lugar público ocupado por Marília no território dos estudos da sociologia e da educação. Diz o professor Martins, que “Marília Pontes Esposito é uma de nossas melhores conhecedoras das teorias dos movimentos sociais e indiscutível autoridade na questão da educação e dos dilemas de uma escola em crise, porque excludente, o que se confirma na trajetória deste livro referencial. O próprio desenvolvimento dos acontecimentos sociais e políticos da história recente do país incumbiu-se de ressaltar as qualidades já reconhecidas de *A ilusão fecunda*. Em particular, de que é robusta análise sociológica de um momento rico e significativo da história do povo e de suas reivindicações, vista do ângulo da relação entre a escola, a família e a comunidade. Sobretudo, como registro e interpretação do frequente desencontro entre o que se poderia chamar de uma concepção popular de escola e a insistentemente alienada política educacional, divorciada da vida e do entendimento que da vida adversa têm os que já não podem, não querem e nem sabem viver sem escola”. Para Martins, a tese e o livro de doutorado de Marília, tornam-se um “modelo de estudo sociológico sobre o protagonismo da sociedade na educação, que se dá por meio dos movimentos sociais, em particular dos movimentos populares”.

A análise da produção intelectual de Marília demonstra um percurso extremamente focado e, ao mesmo tempo, amplo e diversificado em relação aos temas e aos problemas de pesquisa sobre os quais se concentrou. Seu atual projeto de pesquisa estuda o tema da juventude universitária de maneira exaustiva, trabalhando o que ela nomeia de “intrincadas relações entre os indivíduos e a ação coletiva: os jovens como operadores dos dilemas das sociedades contemporâneas”. Aqui a investigação versa sobre um diálogo crítico entre as teorias da socialização política e do engajamento militante. Pesquisou anteriormente – sempre rodeada de outros investigadores e de estudantes que, por sua vez, são seus aprendizes e orientandos – “o campo de estudos de juventude no Brasil e suas interfaces com a educação e o trabalho”. Nesse projeto, Marília constatou, nos anos compreendidos na primeira década do presente século, uma maior “recuperação da renda, uma diminuição dos índices de desemprego e a expansão das oportunidades de trabalho formal”, tendências que – no parecer da autora – “já mostram claros sinais de retração no contexto atual, mas é inegável que elas foram parte da realidade juvenil no período recente”. Marília debruçou-se também sobre a matéria da violência e do comportamento violento entre jovens e adolescentes no município de São Paulo. Outra frente de pesquisa desenvolvida pela professora foi a busca das “formas de constituição do campo de

estudos sobre juventude no Brasil”. Aqui o foco foi o de “identificar, acompanhar e analisar a produção acadêmica de grupos de pesquisadores voltados para o estudo do tema juventude nas áreas da Educação e Ciências Sociais, cobrindo artigos de periódicos, comunicações em congressos, além de teses e dissertações”. Com isso, a investigação pretendia “conhecer e analisar as condições que favorecem ou dificultam a constituição de um campo de estudos sobre juventude”, bem como – nas palavras de Marília – “verificar e analisar as interações entre o campo acadêmico de estudos e o campo político de modo a estabelecer a maneira como eles estão imbricados na área de juventude e seus eventuais desdobramentos”.

Nos inúmeros artigos, livros e capítulos de livros que tem publicados, a pesquisadora dá continuidade a seus primeiros trabalhos, debruçando-se agora com firmeza e maturidade sobre a temática da juventude. Eu não conseguiria apanhar e fazer jus à intensa produção da professora Marília. Por isso, optei por me limitar ao estudo de três de seus artigos.

1. O primeiro deles é o texto intitulado *Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola*, publicado em 2003 na Revista USP. Aqui Marília ressalta a importância do estudo da escola, mas sob uma perspectiva que não é exatamente escolar, propondo-se explicitamente a evitar os ardis de uma pretensa sociologia específica, a sociologia da escola. Na verdade, esse trabalho, considerando a escola como unidade empírica de investigação, reconhece que “elementos não escolares penetram, conformam e são criados no interior da instituição e merecem, por sua vez, também ser investigados”. Marília quer iluminar a importância analítica da escola a partir do que nomeia de suas “bordas e franjas”: o bairro, as relações de vizinhança, as expectativas familiares, etc. Marília sublinha ainda o modo como a expansão da escolaridade amplia e confirma a condição juvenil; com a lembrança de que “ninguém nasce aluno; alguém torna-se aluno”. Essa subcultura juvenil passa a impactar as relações escolares e as formas de sociabilidade de uma escola que se ampliava e que continuava segregando e excluindo, ao mesmo tempo em que contraditoriamente aumentava as oportunidades de acesso aos bens culturais da sociedade letrada e mesmo ao mundo público. Nesse sentido, é brilhante a conclusão da autora; e eu cito Marília: “se a vida escolar é amplamente determinada pelas relações sociais a ela externas, em seu interior não ocorre a mera transposição: há recriação, transformação ou produção de novas relações sociais. (...) Na ausência de experiências mediadoras entre o mundo da casa e o universo impessoal da esfera pública, a escola passa a ser o único território de interações contínuas para adolescentes e jovens, ainda sob uma certa proteção do mundo adulto, mesmo que este último apareça como distanciado e também em crise.” Com isso, Marília constata que não há reprodução no ambiente escolar sem que haja como contrapartida, a produção de novas relações sociais.

2. O segundo artigo que eu gostaria de comentar chama-se *Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal*, publicado em 2008 na revista Educação e Realidade. Marília denuncia aqui a ambiguidade do conceito de formação, quando aplicado às camadas populares. A ideia de formação seria, sob tal vertente, apresentada como algo destinado a seres humanos jovens e, enquanto

tal, “incompletos, mal acabados, que demandariam constantemente uma ação de intervenção para conformá-los ou para completá-los em suas faltas ou deficiências. Em geral, a correção como alvo da formação é proposta por alguém que atribui a um alter o que ele não tem ou que o considera deficiente”. Nas palavras de Marília “a ideia de formação de jovens pobres, além daquela oferecida pela escola, encerra essa ambiguidade, pode exprimir um vetor de formação do sujeito, como pode assumir um forte teor de controle, de moldagem, de recuperação ou de contenção”. Nesse sentido, haveria um deslocamento da ideia de cidadania como um conjunto de direitos, para uma ideia de cidadania como ensino de civilidade. Esvazia-se com isso a dimensão dos direitos a serem consagrados e garantidos pelo Estado, e ganha terreno privilegiado “a dimensão do ensino das regras da convivência, do respeito”, descaracterizando, em alguma medida, a própria acepção de cidadania.

3. O terceiro texto sobre o qual eu me concentrei intitula-se *Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva cultura* e foi publicado na revista *Educação e Pesquisa* em 2010. Marília situa aqui o entrelaçamento da pertença escolar com outras pertenças, à luz desse caráter transversal – escola, trabalho, lazer, sociabilidade – para, a partir disso, constatar, nas palavras dela, que “a fraca adesão aos rituais escolares e a ausência de conflitos em torno da socialização escolar, aparecendo principalmente o retraimento ou a recusa das práticas escolares, somam-se aos percursos instáveis que levaram a uma enorme fragilidade do mundo do trabalho, evidenciando sua incapacidade de absorção dos segmentos jovens de origem popular nos tempos e espaços formais e reconhecidos das ocupações no Brasil”. Estudiosa sistemática e constante da juventude, Marília conclui que os jovens são a ponta do iceberg dos dilemas sociais contemporâneos.

Esses são apenas alguns dos recentes estudos da professora Marília Pontes Esposito, pesquisadora que possui 56 artigos publicados em periódicos dos mais bem qualificados no país e no exterior, 16 livros editados e 43 capítulos de livros editados. Com quase 20 prefácios, posfácios ou apresentações de livros que efetuou, Marília revela também a ascendência teórica que possui em novas gerações de pesquisadores do seu campo de atuação. Suas dezenas de orientações de mestrado e de doutorado revelam seu apreço pela formação de jovens pesquisadores, que são generosamente incluídos em seus projetos de pesquisa, o que os qualifica e os coloca também com facilidade no circuito acadêmico do território da Sociologia e da Educação.

Como atestou o professor Julio Groppa Aquino, no texto de proposição da professora Marília Pontes Esposito para professora emérita da FEUSP – e eu cito as palavras de Julio – “ao examinar em perspectiva o conjunto da obra acadêmica e profissional da professora Marília, em seus diferentes níveis e patamares, não resta dúvida de que estamos diante de uma trajetória irretocável e inspiradora não apenas para aqueles que desfrutaram ou que desfrutam da proximidade de sua companhia investigativa, mas também para seus colegas de outras áreas do conhecimento. Isso sem contar as qualidades pessoais que despontam do convívio afável e respeitoso por ela cultivado. Desta feita – continua Julio – o nome da professora Marília Espósito é sinônimo do mais alto grau de responsabilidade acadêmica e de refinamento

tanto intelectual quanto pessoal; motivo, portanto, de máxima honra para os colegas do Departamento do qual ela tomou e, sempre que convocada, continua tomando parte. Em suma um bastião presente entre nós”.

Mas eu não poderia concluir minha fala sem atentar para uma dimensão pessoal. Marília foi minha professora, no início dos anos 80, quando eu era aluna ainda do segundo ano do curso de pedagogia. Naquele momento, ela, uma muito jovem docente desta casa, nos colocava em contato com o debate sobre a questão da polêmica entre qualidade e quantidade de ensino. Líamos com Marília autores clássicos da sociologia e, dentre eles, nos aproximávamos da produção de Celso Beisiegel e José Mário Pires Azanha sobre essa temática. E Marília avançava no debate, posto que trazia para a discussão as críticas que já eram feitas aos parâmetros excludentes da sociedade em relação ao acesso e à permanência das crianças na escola. As aulas de Marília não eram quaisquer aulas. Eram aquelas aulas que jamais esqueceríamos, pela força do seu conteúdo, pela riqueza das leituras que nos proporcionava a docente, pelo vigor do debate que conseguia fomentar e certamente pela dinâmica pedagógica e pelo carisma da professora. Estou certa de que todas as gerações de estudantes e de pedagogos que Marília formou são testemunhas de que, com ela, nós adquiríamos espírito crítico e passávamos a enxergar o campo da educação de maneira mais complexa e mais elaborada.

Eu terminaria esta minha intervenção, dedicando a Marília as palavras que Brecht dirigia à Humanidade: “há homens [e mulheres] que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são os imprescindíveis” (Bertold Brecht). Marília, querida, você está entre os imprescindíveis.

Carlota Josefina Malta dos Reis Boto

Bibliografia:

AQUINO, Julio Groppa. Proposição da Profa. Dra. Marília Pontes Esposito para professora emérita da FEUSP. [texto mimeografado]

BEISIEGEL, Celso de Rui. Apresentação. In: SPOSITO, Marília Pontes. *O povo vai à escola: a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

MARTINS, José de Souza. Prefácio à nova edição. In: SPOSITO, Marília Pontes. *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucitec, 2010.

ESPOSITO, Marilia Pontes. Estudos sobre juventude em educação *Revista Brasileira de Educação*. mai/jun/jul 1997, n.5, set/out/nov/dez, 1997, n.6.

ESPOSITO, Marilia Pontes. Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. *Educação e Realidade*. n.33(2). jul/dez 2008, p.83-97.

ESPOSITO, Marilia Pontes. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n. especial, p. 095-106, 2010.

ESPOSITO, Marilia Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. *Revista USP*, São Paulo, n.57, p.210-226, março/maio 2003.

Pronunciamento da Homenageada Professora Doutora Marília Pontes Esposito

Sou grata pela presença de todos, colegas professores e professoras, alunos e alunas, funcionários e funcionárias, amigos e amigas e meus familiares. Leonardo, Dora e Felipe, queridos netos, estou feliz por terem vindo; vocês trazem novas alegrias e sentidos para a minha vida.

Em abril de 2016, após 35 anos de exercício, aposentei-me e, desde então, permaneço como professora sênior, colaborando com a Faculdade de Educação na medida de minhas possibilidades e no que está ao meu alcance.

Por essas razões, gostaria, inicialmente, de manifestar minha gratidão pela homenagem que hoje recebo. Confesso minha surpresa e alegria, pois jamais imaginei estar à altura desse honroso título. Sei que devo muito à generosidade dos meus colegas, em especial do meu departamento, representado na chefia pelo professor Bruno Bontempi Júnior; e, também, da Congregação e da direção da FEUSP sob a liderança dos professores Marcos Garcia Neira e Vinício de Macedo Santos.

Há poucos dias, experimentamos um anoitecer inesperado e sombrio na cidade de São Paulo – um dos efeitos das agressões, algumas irreversíveis, ao meio ambiente, não obstante o alerta contínuo da comunidade científica. Medidas intempestivas, autoritárias e, algumas delas, catastróficas dos governantes me fizeram lembrar, mais uma vez, de Fernando Pessoa em *Odes marítimas*: “Nuvens de poeira quente anuviam minha lucidez”.

Vivemos um momento difícil para a ciência no Brasil, mas não podemos deixar de lembrar nossa história e celebrar alguns marcos importantes neste ano de 2019: os 60 anos da Escola de Aplicação da FEUSP, 50 anos de existência da própria Faculdade de Educação e 30 anos da conquista da autonomia para as universidades públicas do Estado de São Paulo. Importa, também, recordar que no último dia 28 de agosto – há dois dias, portanto – celebramos os 40 anos da Lei da Anistia.

Nesta brevíssima retrospectiva ora realizada, não há como deixar de citar alguns momentos marcantes e, ao mesmo tempo, reconhecer os atalhos e o acaso, os quais nos impedem de reunir *a posteriori* o percurso de vida como se fosse um trajeto linear. Além disso, recordar não é apenas um exercício intelectual, já que a memória está sempre impregnada de afetos.

Ingressei no curso de Pedagogia da recém-criada Faculdade de Educação da USP em 1973, impulsionada por algumas escolhas no estreito campo de possibilidades que se me afiguravam naquele difícil momento. Não foi a minha primeira incursão na vida universitária.

A escola pública e o espaço de sociabilidade da adolescência na Lapa, bairro paulistano onde nasci e cresci, imprimiram seus contornos nas decisões posteriores, permitindo entender algumas das direções escolhidas. Integrando a denominada geração 68 e, após dois anos de vida universitária no curso de Serviço Social da PUC de São Paulo e da intensa radicalização do processo político, abandonei, em dezembro de 1968, os estudos e, meses após, a militância.

Em 1979, Paulo Freire, ao retornar ao país com a anistia, em um memorável encontro na PUC de São Paulo, disse que descobrira com sua volta aqueles que estiveram exilados em seu próprio país.

Vivi essa experiência de modo intenso, difícil e acidentado nos primeiros anos da década de 1970. Contudo celebrei grandes alegrias como jovem mãe inexperiente, por ocasião do nascimento de meus filhos: Mauricio e Beatriz. Em 1971, após breves imersões em trabalhos diversos, lancei mão do diploma de professora para prestar concurso na Prefeitura Municipal de São Paulo, assumindo cadeira em uma escola de bairro periférico. Assim, afigurava-se no horizonte a possibilidade de retomar os estudos universitários.

Diante das circunstâncias, optei por um novo vestibular, iniciando o curso de Pedagogia. O ambiente estudantil era outro: anos de chumbo, de silêncio, de repressão, de desaparecimentos, de mortes de colegas, amigos e professores. Na Faculdade de Educação e nas várias unidades da USP permanecia a prática autônoma e corajosa de alguns poucos professores: aqueles que não foram impedidos de exercer a docência. Era viva a lembrança dolorosa dos professores aposentados de forma compulsória em decorrência das disposições do Ato Institucional Número 5.

Naquele início de curso, pude desfrutar do convívio com dois mestres que marcaram toda a minha trajetória intelectual: Celso de Rui Beisiegel, responsável pela área de Sociologia da Educação na FEUSP, e José de Souza Martins, docente do Departamento de Sociologia.

Celso Beisiegel orientou minha formação complementar ainda na graduação, permanecendo como mentor dos meus estudos de pós-graduação na condição de orientador do Mestrado e Doutorado. Incentivou minha busca pelas disciplinas oferecidas pelos docentes do departamento de Ciências Sociais: José de Souza Martins, Lucio Kowarick, Ruth Cardoso, Francisco Weffort, entre outros.

Preservo até hoje esse modo de compreender a vida acadêmica na universidade, incentivando meus alunos a buscar interações, parcerias e aprendizados em disciplinas da área de Ciências Sociais. Aprendi, também, com Beisiegel, a importância da dedicação à prática docente e o envolvimento comprometido com as atividades institucionais, sempre em defesa da democratização da universidade e do direito à educação para todos e todas, sobretudo para aqueles e aquelas dos setores mais desprovidos de condições dignas de vida.

Daquelas trilhas abertas, não posso deixar de mencionar a relevância e o privilégio de poder ter sido aluna do Professor José de Souza Martins, tendo frequentado suas disciplinas já na graduação. Mas os aprendizados decorreram, sobretudo, da

participação, a partir de 1978, no grupo de seminários por ele coordenado sobre a obra de Marx; percurso que foi concluído em 1993 com a leitura de Henri Lefebvre. A longa convivência com o modo de trabalho do referido professor possibilitou o aprendizado prático do estudo rigoroso dos autores focalizados, a disciplina intelectual e o exercício da imaginação sociológica, na acepção de Wright Mills.

O ingresso na carreira docente em 1981, ainda como auxiliar de ensino, significou não só o oferecimento de disciplinas no curso de Pedagogia, mas a imersão em um conjunto de responsabilidades administrativas, assumidas durante a carreira acadêmica, marcando de modo profundo a experiência da nossa geração de professores. No desenho institucional que se afigurou no final dos anos 1980, participei intensamente, com a autonomia universitária, das primeiras atividades das Comissões Estatutárias – como presidente da Comissão de Graduação. Assim, percorri as etapas da carreira e, como muitos colegas, mergulhei em atividades de gestão acadêmica de natureza diversa até a aposentadoria.

Na década de 1990, novos desafios se afiguraram, dentre os quais situo a participação na diretoria da ANPED (1989-1993) e no comitê assessor de Educação do CNPq (1995-1998), bem como as atividades na FAPESP (1996-2012).

Ressalto da experiência na diretoria da ANPED os turbulentos anos que culminaram com o afastamento do ex-presidente Collor. Medidas intempestivas em relação ao futuro da ciência levaram a uma intensa reação da comunidade acadêmica e à criação da Assembleia das Sociedades Científicas, coordenada pela SBPC.

Por meio dessas atividades externas, experimentei, em todos esses anos, uma convivência plural e respeitosa das diferenças, mediante as afinidades que nos reúnem na defesa da comunidade e da pesquisa científicas no país. Hoje, infelizmente, deparamos com um quadro de ataque à ciência ainda mais grave, que exige reação ainda mais firme.

Nessa trajetória, aos poucos configurou-se um modo de experimentar a vida universitária construído nas atividades cotidianas, sem decorrer de qualquer projeto claramente delineado. Ao contrário, algo que foi sendo desenhado pelas práticas e oportunidades e que permaneceu, apesar dos sobressaltos e de algumas discontinuidades.

Os pescadores com seus instrumentos de trabalho, as redes, nos ensinam que o *crescente* é o fio que permite o crescimento da rede para os lados e para a frente, aquele que abre para novas tramas e conexões.

Percebo que a pesquisa constituiu o *crescente* de minhas atividades. A motivação para a investigação e para a produção de conhecimentos decorrem do exercício da dúvida sistemática que nos impulsiona para a aventura de novas descobertas e que, sobretudo, não permite a sedução pelas respostas fáceis.

As redes se ampliaram com o passar dos anos, agregando docentes de várias universidades brasileiras e permitindo o desafio da convivência com outras tradições acadêmicas, como tem sido a experiência de intercâmbios com colegas da França, e, recentemente, a parceria com pesquisadores da Universidade de Pequim.

Os afazeres típicos da docência podem, também, oferecer a matéria-prima para a investigação: conhecer de modo sistemático nossos alunos, avaliar os efeitos de nossos currículos de forma mais objetiva, investigar os percursos percorridos e o destino profissional daqueles que foram por nós formados, são exemplos do programa coletivo de pesquisa que pude realizar com colegas e alunos sob minha orientação.

Destaco o estudo sobre os cursos noturnos e a constituição da figura do trabalhador-estudante do Ensino Superior nos anos 1980, ainda como docente de uma instituição privada de ensino. Naquela mesma década, os estudos sobre o curso de Pedagogia e o destino ocupacional dos egressos subsidiaram a primeira reforma curricular após a criação da FEUSP. Nos anos 1990, com a criação do NAE (Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação), na gestão do professor Beisiegel como Pró-Reitor de Graduação, foi possível investigar o perfil de egressos de nove carreiras da USP a partir dos anos 1980, selecionando momentos diversos da conclusão dos cursos.

No âmbito das atividades de extensão, construí parcerias com o CEDI (Centro Ecu-
mênico de Documentação e Informação) e, posteriormente, com Ação Educativa, desenvolvendo um conjunto de atividades, entre elas um programa de pesquisas a partir dos anos 1990, que permanecem até os dias atuais. Da zona leste da cidade de São Paulo à região do rio Araguaia, no território da prelazia de Dom Pedro Casaldáliga, pude testemunhar a vitalidade e a inventividade das práticas em defesa das culturas locais, bem como a importância da educação escolar para os habitantes daqueles territórios.

Sinto-me honrada pela possibilidade de ter integrado o quadro de professores de uma instituição que, desde sua origem, reafirma sua defesa da educação pública. Minha solidariedade com esse projeto decorre de um compromisso radical com a democracia. Entendo que a carreira universitária deve ser orientada, também, pela busca da competência e do rigor na produção do conhecimento, ao lado de uma conduta pessoal orientada pelo desejo de justiça e de respeito à pluralidade de ideias.

Se as perspectivas de futuro das universidades públicas não são claras e se o momento atual se afigura sombrio, é inegável que novos desafios estão presentes. Continuar a resistir, recusar o isolamento e propor iniciativas que nos aproximem cada vez mais de amplos segmentos da sociedade brasileira, sobretudo os mais alijados dos direitos sociais, para que conheçam e apoiem a existência da Universidade pública, são práticas que devem estar no horizonte das novas gerações. A defesa incansável da Ciência, em particular das Ciências Humanas, é tarefa permanente, embora mais intensa nos momentos de crise.

Reitero minha convicção de que o desenvolvimento científico só ocorre em ambientes plurais e democráticos no interior da Universidade.

Para finalizar, reproduzo aqui as palavras do professor Martins sobre a importância da atividade docente e a dignidade do nosso trabalho: “O professor tem a missão permanente da insurgência e do inconformismo com a banalização do conhecimento, o autoritarismo da ignorância, o peso morto da incultura que ainda nos arrasta para a herança obscurantista em que ainda nos pensamos como personagens dos tempos da escravidão. A missão do professor é a de dar sentido à Lei Áurea, para dela fazer um instrumento de liberdade e de emancipação de todos, sem restrições”.

Reconhecer as transições, a provisoriedade e o fluxo do tempo de uma existência não é tarefa simples, confesso. Aprendi com Manoel de Barros memoráveis lições. De fato, diz o poeta, “do lugar onde estou já fui embora” (*O livro sobre nada*). No entanto, “a gente só chega ao fim quando o fim chega! Então pra que atropelar?” (*Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo*).

Muito obrigado a todos e todas pela presença hoje e em todos os momentos da minha trajetória.

Marilia Pontes Esposito
30 de Agosto de 2019

